

# Suspeito na "Chacina da Glória" confessa e desmente em seguida

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Povo - 01/08/85

Class.: 18

Data: 01/08/85

Quatro horas depois de admitir diante da imprensa a autoria de um duplo homicídio ocorrido em 1979, o índio aculturado Francisco Freitas da Silva desmentiu tudo, alegando ter confessado sob ameaças de morte dos policiais da Delegacia de Plantão Geral, que o prenderam, ontem de manhã, num sítio da estrada Manaus-Itacoatiara. Da tribo Macuxi, Francisco continua detido na Delegacia de Homicídios e deverá ser submetido a novo interrogatório pelo delegado Nicolau Libório.

Na Secretaria de Segurança ninguém soube esclarecer de onde partiu a ordem para a prisão do índio aculturado, que na época do crime foi preso como um dos principais suspeitos, mas acabou sendo colocado em liberdade por intervenção de um advogado da FUNAI. Ele agora voltou a ser acusado dos assassinatos de Sebastiana de Melo Damasceno e de seu filho de criação, José de Jesus Damasceno, de 12 anos.

## CRIME CHOCOU

A divulgação do crime, acontecido na madrugada de 2 de novembro de 1979, no Bairro da Glória, deixou chocada a população de Manaus. Sebastiana de Melo Damasceno, de 59 anos, e José de Jesus, seu filho adotivo, foram mortos enquanto dormiam. Sebastiana foi surpreendida na casa e abatida com 12 facadas, sendo arrastada para perto de um guarda-roupas, que teve a porta forçada. José de Jesus dormia em uma rede, na sala, quando recebeu 8 facadas no tórax e braços e ainda teve o pescoço praticamente degolado.

O crime foi descoberto na manhã seguinte, Dia de Finados, quando uma vizinha desconfiou ao notar a porta aberta na casa n.º 200 da Rua Sul América, onde as vítimas moravam. Newton Jerônimo Damasceno, proprietário de barcos pesqueiros e marido de Sebastiana, como era de costume, não dormia em casa. Ele estava no terminal pesqueiro do Mercado Adolpho Lisboa quando foi avisado de que a mulher e o filho adotivo tinham sido assassinados.

## LATROCÍNIO

Logo nas primeiras investigações, a polícia chegou à conclusão de que se tratava de um latrocínio. Na casa de Newton existia um cofre, onde ele guardava o dinheiro necessário para movimentar o negócio de pescado. No dia do crime, Newton havia deixado no cofre Cr\$ 130 mil, na época uma importância considerável. As pessoas que sabiam sobre o dinheiro passaram a ser apontadas como suspeitas, mas o primeiro a ser preso não conhecia esse detalhe. Era o índio aculturado Francisco Freitas da Silva, que trabalhava para Newton consertando redes de pesca e admitiu ter estado na casa até pouco antes do crime.

Submetido a intenso interrogatório, Francisco, então com 17 anos, acabou contando a história que repetiu ontem à tarde, pouco depois de ter prestado depoimento confessando a autoria do crime. O índio sustentou que saiu da casa por volta de 21 horas do dia 1.º de novembro, sendo abordado numa esquina por quatro homens que o convenceram a voltar e procurar uma maneira de deixar a porta ou uma das janelas apenas encostada. Recebeu mil cruzeiros pelo serviço e alegou que acreditava que os desconhecidos queriam apenas roubar as redes de pesca guardadas na casa, só tomando conhecimento do crime quando foi preso.



Sebastiana foi morta na cama e arrastada para o chão.



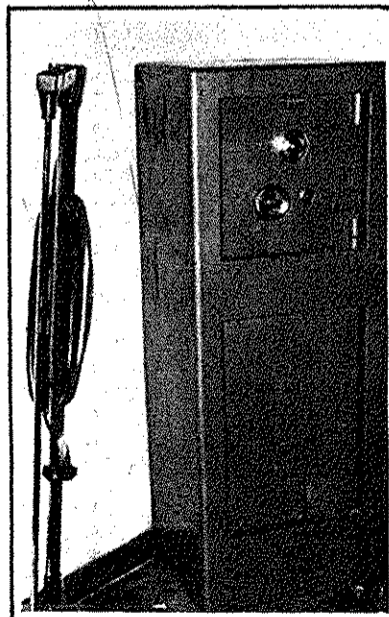
José de Jesus, surpreendido na rede, foi degolado.



O índio Francisco confessou e desmentiu.



Newton também foi considerado suspeito.



No cofre as pistas não exploradas.

Liberado dois dias depois, quando houve intervenção da Fundação Nacional do Índio, Francisco saiu de Manaus, indo morar na localidade denominada Mamori, onde ficou durante um ano. Depois voltou à capital.

Trabalhou em diversos locais, sempre como braçal, inclusive no serviço de carga e descarga do Porto. Durante esse tempo, casou com Maria Bentes Batista, que agora está com seis meses de gestante. Mas o casal já tem três filhos, com 3, 2 anos e 8 meses.

## PRISÃO ESTRANHA

Ontem, por volta de meio-dia, o delegado Renato Almeida informou à imprensa que havia "finalmente esclarecido" a "Chacina da Glória", como

o crime ficou conhecido no meio policial. O delegado não explicou de onde partiu a ordem que o levou ao quilômetro 32 da estrada Manaus-Itacoatiara, rodovia AM-010, onde a equipe sob seu comando efetuou a prisão de Francisco Freitas da Silva. O depoimento do preso foi tomado na Delegacia de Plantão e encaminhado à Secretaria de Segurança, antes de entregue ao delegado Nicolau Libório, da Delegacia de Homicídios, onde o inquérito sobre a "Chacina da Glória" estava guardado.

Apresentado à imprensa, Francisco, muito assustado, contou que matou Sebastiana e José de Jesus, mas a história não convenceu ninguém. Ele caiu em várias contradições, primeiro dizendo que havia sido contratado por quatro desconhecidos para deixar aberta a porta da casa onde aconteceu o crime. Depois,

advogado da Fundação Nacional do Índio conseguiu que fosse colocado em liberdade e logo em seguida ele viajou para o interior do Estado, onde mora sua família.

## CONFISSÃO SOB AMEAÇAS

Colocando novamente diante da imprensa, na tarde de ontem, Francisco ainda parecia mais assustado. Mas quando um repórter insistiu em cima de suas contradições, querendo que ele revelasse o motivo do duplo assassinato, acabou dizendo que era inocente. Os policiais da Delegacia de Homicídios não demonstraram muita surpresa. O escrivão Auzeir, que estudou profundamente as peças do inquérito sobre o caso, já havia comentado não acreditar na culpabilidade do índio aculturado.

Francisco explicou que foi forçado a prestar depoimento confessando o crime: "Eu estava lá no sítio do meu Sabá quando os policiais apareceram. Logo no início não entendi o que queriam. Foi tudo muito rápido. Fui colocado num carro e levado para uma parte deserta da estrada, onde me disseram que eu tinha de confessar o crime. Só então percebi a presença de um sobrinho do meu Newton Sei que até hoje a família dele acha que fui eu quem matou a dona Sebastiana e o garoto. Disseram que eu seria morto ali mesmo se não concordasse em confessar aqui em Manaus. Concordei com esperança de que aqui alguém resolvesse me ajudar".

Francisco, após desmentir a confissão, repetiu a versão apresentada em 1979: "Eu trabalhava para o seu Newton há pouco tempo. Consertava redes de pesca. Na noite do crime fiquei vendo televisão até 9 horas, quando saí para ir dormir na casa do meu cunhado, o "Maranhão", que morava na Travessa do Matadouro, também no Bairro da Glória. Numa esquina, fui abordado por quatro homens, que me ofereceram mil cruzeiros, na época um bom dinheiro, para voltar até a casa e deixar a porta aberta. Fiz isso e depois fui dormir na casa do meu cunhado. Só fiquei sabendo do crime quando foram me prender".

Os quatro desconhecidos, um deles de estatura avantajada, segundo Francisco, ocupavam um carro preto, possivelmente, um Opala. Essa informação foi investigada durante vários meses, mas não levou a nada mais concreto. Apesar das inúmeras pistas deixadas pelos assassinos, o crime, no aspecto legal, continua insolúvel. As impressões digitais deixadas no cofre que os criminosos tentaram arrombar nunca foram examinadas com o rigor necessário. As impressões, deixadas no cofre com o próprio sangue das vítimas, foram fotografadas mas ninguém sabe o que foi feito em torno disso.

Newton Damasceno também chegou a ser considerado suspeito, quando surgiu a versão de que ele tinha resolvido mandar matar a esposa ao descobrir que ela sabia de seu envolvimento na morte de Fernando de Andrade Pessoa, um antigo sócio comercial.

Outro suspeito que acabou preso e chegou a ser levado ao Tribunal do Júri Popular, onde foi absolvido, é Fernando Carlos de Souza, sobrinho de Newton Damasceno. Ele passou mais de um ano na Penitenciária, com preventiva decretada pela Justiça e tentou o suicídio por duas vezes. Agora, o delegado Nicolau Libório espera conseguir alguma coisa com o novo interrogatório de Francisco Freitas da Silva, que deve acontecer hoje.

disse que foi até a casa do cunhado, onde morava, voltando à residência de Newton Damasceno por volta de 22 horas. Já trazia uma faca e bateu na porta, sendo atendido por Sebastiana, a quem pediu "um agasalho".

"Esperei a mulher dormir, e, mais ou menos uma hora depois, fui até o quarto e apliquei várias facadas na mulher. Depois voltei à sala e golpeei o garoto, que ainda conseguiu gritar por socorro".

Depois do crime, segundo a versão que apresentou no depoimento de ontem, Francisco abandonou a casa. A faca foi jogada num monte de lixo, perto do igarapé de São Raimundo, Francisco disse ainda que foi preso dois dias depois como suspeito, mas não confessou o crime, "inventando" a versão em que aparecem os quatro desconhecidos. Um